

## **Estética e experiência histórica: a cultura como questão no presente**

**Autor:** Jaireilson Silva de Sousa

**IES:** Universidade Estadual do Ceará - UECE

**E-mail:** jaireilson1835@hotmail.com

**Orientador:** José Expedito Passos Lima

**Eixo temático:** Cultura e manifestações artísticas

**RESUMO:** As atuais formas culturais da sensibilidade e as relações desta com os períodos históricos distintos e com os meios de comunicação em massa são objetos de estudo do filósofo italiano Mario Perniola (20 de Maio de 1941). Desse modo, proponho aqui uma reflexão sobre as categorias necessárias para a compreensão das formas de sensibilidade no contexto histórico-cultural da contemporaneidade, onde os indivíduos passam a ser compreendidos como "coisa que sente" ou "coisa senciente", desenvolvido nas obras: "Do sentir" (1991), "Sex appeal do inorgânico" (1994) e "Ligação direta: Estética e política" (1986). Nestas obras, Perniola discorrerá, principalmente, acerca das novas experiências sensíveis humanas e a relação que há entre a sexualidade e a filosofia, onde os indivíduos estão inseridos em um contexto histórico-cultural que subtrai deles toda a faculdade de sentir e, assim se vê a necessidade de explicar fenômenos que aparentam estar distantes entre si precisam de categorias histórico-filosóficas, como a de pós-modernismo. Nesse sentido contemporâneo do indivíduo não há conflitos entre as coisas e os sentidos, o que permite o acesso à uma cultura da "sexualidade neutra", que pode ser compreendida como algo pós-humana, pois possui como base para o seu desenvolvimento o homem impulsionado para o artificial, podendo ser considerada uma "sexualidade virtual", onde tal virtualidade é concebida como uma ingressão em outra dimensão denominada pelo autor de "realidade virtual". Dessa relação histórico-cultural entre filosofia e sexualidade surge a categoria de "sex appeal do inorgânico", onde pelo fato de sua excitação não provir de propriedades sensíveis, como acontece na sexualidade natural, se encontrando além de qualquer gosto ou desgosto. Portanto, proponho aqui uma análise das categorias necessárias para uma melhor compreensão da relação que há entre as atuais formas sociais de sensibilidade e o contexto histórico-cultural contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contemporaneidade. Estética. Cultura.

## **Aesthetic and historical experience: the culture as an issue in the present**

**ABSTRACT:** The current forms of cultural sensibility and its relations with the different historical periods and with the means of mass communication are objects of study of the Italian philosopher Mario Perniola (May 20, 1941). Thus, I propose here a reflection on the need for understanding the forms of historical-cultural sensitivity in the contemporary context, where individuals come to be understood as "something that feels" or "sentient thing" categories developed in the books: "Of feeling" (1991), "Sex appeal of the inorganic" (1994) and "Direct Connect: Aesthetics and politics" (1986). In these works, Perniola will talk mainly about the new human sensory experiences and the relation between sexuality and philosophy, where individuals are placed in a historical and cultural context that subtracts their entire college experience, and thus finds the need to explain phenomena that appear to be far apart in need of historical-philosophical categories such as post-modernism. In this contemporary sense of the individual there is no conflict between things and meanings, which allows access to a culture of "neutral sexuality", which can be understood as something post-human, because it has as a basis for its development man driven to artificial it can be considered a "virtual sex", where this is conceived as a virtual ingression in outa dimension named by the author of "virtual reality." This historical-cultural relationship between philosophy and sexuality arises category of "sex appeal of the inorganic", where because of his excitement does not come from sensitive properties, as happens in natural sexuality, lying beyond any taste or distaste. Therefore, I propose here an analysis the categories necessary for a better understanding of the relation between the current social forms of sensibility and contemporary cultural-historical context.

**KEYWORDS:** Contemporary. Aesthetics. Culture.

## Introdução

Mario Perniola é um filósofo italiano, nascido em Asti, de reputação internacional, professor de Estética, onde em vários de seus livros discorre, principalmente, sobre as formas de sensibilidade da atualidade e a relação que elas mantêm com os meios de comunicação em massa que desempenham um importantíssimo papel no processo de socialização do sentir, pois transmite em alta velocidade as normas sociais do sentir à todos os indivíduos.

O desenvolvimento da Estética ocorre na Modernidade, onde alcança a sua maturidade com o movimento Humanista do século XVIII. Já nesse período a conciliação fundamental dessa arte encontra-se entre o ser humano e a natureza, tomando o primeiro como sujeito e o segundo como objeto. Desse modo, o estético

[...] exerce um papel de fundamental importância no processo de civilização e de refinamento dos hábitos, não apenas de promoção individual e social, tomando também consciência da sua autonomia, definindo-se como tal aproximadamente na metade do século XVIII e se constituindo como disciplina *iuxta própria principia*, como ciência do conhecimento sensível.<sup>1</sup>

O sentir da época em que vivemos já não é o mesmo daquela sensibilidade que caracterizou os períodos históricos anteriores, onde não houve mudança apenas no objeto desse sentir, mas também no modo, nas formas de sensibilidade, na qualidade e na efetividade, visto que os acontecimentos se apresentam de maneiras diferentes para indivíduos de períodos históricos diferentes e, sendo assim, pode-se perceber que as pessoas que viveram no início do século passado tinham uma cultura onde a sensibilidade se apresentava como uma atividade interior, ao contrário de nós que a sensibilidade se apresenta como algo já sentido, proveniente das chamadas “normas sociais da beleza” que cria regras sociais no âmbito do sentir e, segundo Perniola, “[...] esta é a grande viragem histórica de que somos testemunhas.”<sup>2</sup>. Assim, nossa época se distingue das demais pelo fato de não possuir uma relação direta com as artes, mas sim com a *aisthesis*, de onde se atribuiria a definição de “época estética” à atualidade. Portanto, toda essa pretensão humana para sentir algo passou a ser uma “anomalia histórica” onde,

---

<sup>1</sup> PERNIOLA, Mario; *Ligação Direta: Estética e Política*; p. 67.

<sup>2</sup> PERNIOLA, Mario; *Do Sentir*; [tradução Antônio Guerreiro]; 1ª edição, Lisboa, 1993; p. 13.

Hoje nada escapa, pois ao sentir; não é já o entanto sobre cada subjetividade particular que recai o peso de ser exposta em primeira pessoa e sem a proteção desta experiência. O sentir adquiriu uma dimensão anônima, impessoal, socializada que exige ser recalçada. É verdade que também nos podemos rebelar contra esta condição e reivindicar o direito a um sentir interior, singular, subjetivo, privado, mas em relação a tais pretensões a nossa época tem sido cruel; ela reconheceu os seus, acumulando-os de favores, mas discriminou e repudiou os outros.<sup>3</sup>

Assim, na atualidade a cultura sofrerá fortes influências dessa estetização geral da sociedade, onde os instrumentos de comunicação em massa nos impuseram “uma informação baseada na imagem e na aprendizagem rápida”<sup>4</sup>. Mario Perniola caracteriza nossa época como uma época sensológica, que culmina em um novo sentir, “pelo cultivo do desejo e da falta que despertam o homem contra todo o perigo de banalização e adormecimento”<sup>5</sup>, utilizando como objeto de sua pesquisa estética fenômenos culturais e de expressão e comunicação da cultura de massas. Ele trata das manifestações culturais que concebem o ser humano como “coisa que sente” e não como sujeito, limitando-se à função de sentir ou de absorver estímulos sensitivos, enquanto que os espetáculos artísticos (coisas que devem ser sentidas) tem apenas a função de provocar a fruição imediata. Assim, o indivíduo passa a ser entendido como “coisa que sente”, perdendo toda a sua capacidade de vivacidade e seletividade, passando a possuir uma sensibilidade neutra que pode assimilar tudo, tornando-se, assim, desprovido de subjetividade, perdendo a sua humanidade e se tornando apenas uma “máquina sensitiva”.

Esse sentir contemporâneo rejeita toda a possibilidade de sentir algo para si próprio, onde a nossa época é concebida como estética, pois a sensibilidade e a afetividade se impõem como prontas, requerendo apenas que sejam assumidas e repetidas por cada indivíduo. Desse modo, essa socialização das ações, segundo o autor, reduzem os indivíduos a vegetais transportáveis, o que leva as pessoas a serem concebidas apenas como *coisas que sentem*.

Foi somente na cultura do sentir contemporâneo que o indivíduo compreendido como *coisa que sente* pôde ser concebido, tendo o seu surgimento no encontro entre a filosofia e a sexualidade. Nesse sentido contemporâneo do indivíduo não há conflitos entre as coisas e os sentidos, o que permite o acesso à *sexualidade neutra*, implicando em uma suspensão do sentir, mas que não significa, necessariamente, uma anulação de toda a

---

<sup>3</sup> Idem; idem.

<sup>4</sup> PERNIOLA, Mario; *Ligação Direta: Estética e Política*; p. 58.

<sup>5</sup> Idem; p. 95.

sensibilidade. Portanto, falar de *coisa que sente* é, antes de tudo, “[...] emancipar-se de uma concepção instrumental da excitação sexual que a considera naturalmente direcionada para a obtenção do orgasmo.”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> PERNIOLA, Mario; O sex appeal do inorgânico; [tradução Nilson Moulin]. – São Paulo: Studio Nobel, 2005. – (Coleção Atopos: novos espaços de comunicação); p. 22.

## Desenvolvimento

A *coisa* e o ser humano foram e vem sendo objeto de estudo para vários filósofos, como Descartes, Heidegger, Nietzsche, Kant, dentre outros. Mas foi somente na cultura contemporânea que o indivíduo compreendido como coisa que sente, pode ser concebido, tendo o seu surgimento no encontro entre a filosofia e a sexualidade. Nesse sentido a coisa se tornou o centro de perturbações dos indivíduos contemporâneos, onde ela se encontraria sempre ao redor desses indivíduos, nunca ocupando uma posição superior ou inferior em relação ao ser humano. Desse modo, ao se conceber o indivíduo como *coisa que sente* seria, segundo Perniola, colocá-lo no centro do universo e que “[...] o torna completamente alienado e irreconhecível.”<sup>7</sup>, onde retiraria toda a sua vivacidade humana. Ao conceber o indivíduo como *coisa que sente* nos distanciamos daquela concepção cultural de homem compreendido como *coisa que pensa* ou de *coisa que se mexe* e aqui a palavra *coisa* “[...] vem do latim *causa*, que significa tanto aquilo que provoca um efeito quanto o conjunto de controvérsias sobre as quais o juiz se pronuncia.”<sup>8</sup>.

Portanto, o indivíduo entendido como *coisa que sente*, segundo Perniola,

A transformação do sujeito em uma coisa que sente parece fazer parte de um imaginário de ficção científica em que o orgânico e o inorgânico, o antropológico e o tecnológico, o natural e o artificial se sobrepõem e se confundem um com o outro. De fato, a partir do momento em que a ficção científica introduziu, entre o homem e o robô, figuras intermediárias que apresentam aspectos tanto de uma quanto de outro, abriu-se uma vasta problemática a qual remete à natureza de um sentir que ainda não é plenamente humano (como no caso do replicante, do androide e do simulacro), ou que não é mais humano (como no caso do cyborg, isto é, de um homem em cujo corpo foram introduzidas várias próteses). Contudo, a orientação geral de tal imaginário permanece mais humanista e naturalista: não obstante essas formas intermediárias serem até superiores ao homem nas específicas prestações funcionais em vista das quais foram produzidas, de um ponto de vista global, elas permanecem inferiores ao seu inventor e criador. Esta dependência do modelo humano caracteriza não só o replicante, cuja diferença em relação ao original, embora não visível, permanece relevante, mas também o cyborg, que não consegue ser nada além de um homem potencializado e aperfeiçoado.<sup>9</sup>

Na atualidade, o essencial é renunciar a individualidade, a subjetividade e adotar uma experiência cultural do objeto, da coisa, do sex appeal do inorgânico, onde as

---

<sup>7</sup> Idem; p. 24.

<sup>8</sup> Ibidem; p. 69.

<sup>9</sup> Ibidem; pp. 45-46.

faculdades emocionais ainda não se encontram socializadas, mas são coletivas e, desse modo, nessa nova cultura contemporânea do sentir vemos uma pretensa união entre a filosofia e a sexualidade, pois o ser humano entendido como *coisa que sente* só pode ser concebido como tal através da sexualidade que foi, durante muito tempo, visto como o pecado mais frequente e comum justamente por oscilar entre a “sublimação amorosa” e a “degradação animal” e assim nos parece que um encontra no outro “[...] aquilo que é necessário para cumprir seu próprio caminho histórico: na experiência de fazer-se veste estranha se encontram a suspensão especulativa da libido e o sex appeal da filosofia.”<sup>10</sup> e assim, esses dois campos do saber parecem se completar reciprocamente.

Nessa cultura neutra e impessoal, o fetiche constituirá um acréscimo não essencial, mas não excita por seu simbolismo, ou seja, ele consiste em emprestar ao companheiro uma parte ou um órgão que o é impessoal, onde o discurso fetichista, segundo as palavras do autor, pode ser entendido da seguinte maneira:

Eu lhe empresto o que lhe falta, isto é, um órgão que me sinta; não importa se com este substituto você sinta de fato alguma coisa, pois o que vale é que eu sinta que ele me sente; tal impressão indireta me dá uma mais-valia que se soma à minha excitação direta.<sup>11</sup>

Assim, a filosofia cria condições favoráveis para se obter uma constante excitação e, desse modo, alcançar a sexualidade virtual, pois é somente através da filosofia que a sexualidade pode ser capaz de sentir o corpo como coisa e isso se dá de três modos distintos: 1) pode-se perceber um determinado órgão independentemente do restante do corpo, onde a sexualidade desse órgão sem corpo “[...] deriva justamente do fato de captá-lo como uma prótese sensível, um dispositivo artificial dotado de uma percepção independente e toda sua.”<sup>12</sup>; 2) pode ser compreendido como um corpo sem órgãos, onde não existe diferença entre o seu corpo e o meio em que está localizado, pois ambos são coisas que sentem e 3) consiste em uma privação sensorial simulada, onde o indivíduo se encontraria em um estado de repouso absoluto, semelhante à morte onde o indivíduo não se encontra em um estado de total insensibilidade, ao contrário, procura capturar o máximo de informações sensíveis através do tato, que é o único sentido que ficaria ativo.

Portanto, segundo Perniola,

---

<sup>10</sup> Ibidem; p. 32.

<sup>11</sup> Ibidem; p. 75.

<sup>12</sup> Ibidem; p. 49.

Enquanto no órgão sem corpo a sexualidade artificial é constituída pelo efeito prótese e, no corpo sem órgãos, é provocada pela extensão deslocada dos sentidos, nessa terceira modalidade, ela surge da simulação de um déficit: parece que só partindo de um handicap seja possível atingir uma excitação extra, como se a atração contemporânea de todos os cinco sentidos transtornasse inutilmente, gerasse confusão psíquica e impedisse a concentração sensorial.<sup>13</sup>

Desse modo, seria de responsabilidade apenas da filosofia introduzir todos os indivíduos nessa experiência cultural neutra da *coisa que sente* e, ao mesmo tempo, subtrair da sexualidade o vitalismo e o sadismo. Portanto, a chamada sexualidade filosófica surge, justamente, dessa transformação do indivíduo em coisa senciente. Assim, a necessidade que a sexualidade tem de se unir à filosofia é decorrente de sua busca para encontrar uma saída do sadismo, pois

De fato, se a disposição para agarrar uma coisa que sente e para dar-se como uma coisa que sente só depende de cupidez ou de uma intenção subjetiva, ela seria demasiado móvel, incerta e caprichosa, como no caso do libertino sadiano. Para que algo possa excitar infinita e incondicionalmente, deve provir de algo igualmente infinito e não condicionado. Caso se permaneça no plano empírico, nem a morte pode constituir a garantia de uma experiência de excesso. A sexualidade se une com a filosofia para sair do beco sem saída ao qual o sadismo a conduz, não só como vontade criminosa do sujeito individual, mas também como vontade suicida do sujeito coletivo: as coisas que sentem não necessitam unir-se num projeto de morte para terem a certeza de que estão juntas.<sup>14</sup>

Vivemos um processo histórico-cultural que retira de cada indivíduo a sua experiência do sentir, ou seja, cada pessoa perde a sua subjetividade, onde a característica fundamental do indivíduo concebido como coisa que sente é resultante

[...] de um processo histórico-social que exclui cada indivíduo da experiência do sentir. Assim, por um lado, a distância em relação ao mundo inanimado aumentou, porque o sentir socializado, o já sentido, representa um salto, um acontecimento, um evento irreduzível a uma concepção reducionista do mundo da via; por outro, no entanto, este processo reduz o homem desapossado do sentir a algo de mais inanimado, de mais inerte, de mais morto do que os objetos de que se ocupam a física e a química. Este resto é o homem-coisa, cuja característica fundamental é precisamente a de ser mais coisa do que todas as coisas existentes, ou seja, algo de mais pobre, de mais só, de menos agradável do que tudo o que existiu até agora.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Ibidem; p. 52.

<sup>14</sup> Ibidem; p. 45.

<sup>15</sup> PERNIOLA, Mario; *Do Sentir*; p. 27.

Desse modo, Perniola desenvolve o conceito de *sexualidade neutra*, onde o primeiro passo em direção a essa cultura neutra e impessoal é o desapego a toda essa “orgasmomania” (ou seja, a sexualidade que tem como finalidade o orgasmo) que emanciparia toda essa sexualidade “natural” e, do mesmo modo, findaria todas as diferenças, sejam elas entre os sexos, entre as formas, entre as idades ou entre as raças, onde tal sexualidade neutra é compreendida como algo pós-humano e não desumano ou inumano, pois possui como base o ser humano impulsionado para o artificial. Portanto, tal sexualidade pode ser considerada como uma sexualidade virtual, onde a partir da cultura virtual ingressamos em uma outra dimensão, diferente de uma imitação da realidade. Essa outra dimensão é denominada por Perniola como “realidade virtual”, que pode ser entendida como uma

[...] dissolução, um alívio ou uma espiritualização da realidade, tanto pelos críticos, os quais a interpretam como um enésimo engano, como uma evasão, que se subtrai ao peso, às responsabilidades e aos perigos do presente, projetando-nos num mundo fluido e desencarnado. Tanto uns quanto outros consideram que as realidades virtuais não são realidades verdadeiras, mas no máximo sistemas de representação da realidade, que ambicionam ocupar o seu lugar. Tal aspiração é vista pelos apologistas como uma espécie de liberação das angústias e das restrições da realidade, pelos críticos como uma espécie de fuga culpada. Mas a realidade não é nada de óbvio e de imutável! Acontece que a virtualidade não aumenta, mas sim reduz a dimensão de precariedade do real; ela faz passar o homem do período da representação para o da disponibilidade: as coisas virtuais estão constantemente à nossa disposição. Tudo é oferecido e essa oferta constitui exatamente a sua virtualidade.<sup>16</sup>

Através de toda essa cultura impessoal o indivíduo contemporâneo chega ao *sex appeal do inorgânico* que consiste em se distanciar de todo vitalismo orgástico e de toda a sobre-elevação do espírito que foram marcantes na cultura sexual da primeira metade do século XX, onde os indivíduos se aproximam mais da sexualidade neutra através da abstinência do que pelas experiências vitalistas e espirituais e a figura do filósofo seria responsável por

[...] proclamar a grandeza e a dignidade de uma sexualidade sem vida e sem alma: é seu empenho e sua responsabilidade dizer que o reino das coisas não é tanto o triunfo da técnica e do capitalismo, quanto o império de uma sexualidade sem orgasmo. Assim, justamente no âmbito que parece mais

---

<sup>16</sup> Perniola, Mario; *O sex appeal do inorgânico*; pp. 47-48.

irracional, casual e frágil, o da excitação sexual, se evidencia a potência da filosofia, de cujo apelo não consigo fugir, mesmo querendo.<sup>17</sup>

É através de um processo de cancelamento da distinção que há entre o interior e o exterior, deixando de existir as categorias de interioridade e de exterioridade que o sex appeal do inorgânico é desenvolvido e pelo fato de a sua excitação não provir de propriedades sensíveis, como acontece na sexualidade natural, se encontra além de qualquer gosto ou desgosto, onde a experiência cultural resultante do sex appeal do inorgânico nos introduz em uma convergência entre o ser humano e a coisa, onde, seja apenas na sexualidade que o ser humano se torne uma coisa.

Desse modo, o sex appeal do inorgânico pode ser pensado como uma “[...] sexualidade sem desejo [...]”<sup>18</sup>, que se inicia a partir do momento em que rompemos as barreiras de toda e qualquer afeição subjetiva, procurando acabar com a diferença que há ente o ser humano e a coisa, onde dizer que o sex appeal do inorgânico está desvinculado do desejo quer dizer que a sexualidade está emancipada de tudo o que é denominado de “aparência bonita”, onde esse desejo pertence somente ao passado, pois o sex appeal do inorgânico surge de forma autônoma e impessoal, levando consigo uma garantia de longa duração e que não se detém apenas na dicotomia dos sexos, entre masculino e feminino, ao contrário, não consegue compreender o porquê de existirem apenas dois sexos e, desse modo, propõe que existam uma infinidade de sexos, onde

[...] inaugura um sentir neutro e impessoal, uma sexualidade artificial independente da dinâmica natural do desejo e de sua satisfação: esse intuí que tal pretensão apresenta uma afinidade com a aventura metaliterária do Novecentos, da qual admira o caráter de experiência-limite, a radicalidade, a recusa de compromissos.<sup>19</sup>

Assim, o sex appeal do inorgânico está presente em vários momentos de nossa cultura cotidiana, sendo mais notável na música e nas formas de se vestir de determinados grupos, onde a excitação torna-se infinita e o rock se apresenta como o melhor representante dessa cultura impessoal, enquanto que as roupas rasgadas representam as formas de se vestir que se relacionam com o fetichismo, pois se misturam o indivíduo e a coisa, o corpo e a roupa.

---

<sup>17</sup> Idem; p.30.

<sup>18</sup> Ibidem; p. 107.

<sup>19</sup> Ibidem; p. 131.

## Conclusão

Portanto, na cultura atual os indivíduos, segundo Perniola, estão inseridos em um contexto histórico-cultural que subtrai deles toda a sua faculdade de sentir e que resulta em uma socialização do sentir que implica uma cedência do sentir que passa a ser estranha à toda interioridade e subjetividade, onde alguns indivíduos transformam o que produzem no âmbito artístico em produtos socializados e que, segundo Perniola,

Os poetas, os escritores e os artistas desde sempre transformaram o seu mundo sensitivo e afectivo num produto socializado e a cultura foi desde sempre um sistema de valorização da sensibilidade e da afectividade, mas este processo levou à constituição do tesouro, do dinheiro mercadoria, não da moeda de circulação.<sup>20</sup>

Nessa cultura do sentir contemporâneo o indivíduo também é concebido como pele, como vestuário, onde se percebe uma anulação da identidade psíquica que visa transformar o corpo em um objeto inanimado ou em uma coisa. Portanto, as roupas se subordinam à beleza do corpo e à atração sexual. Desse modo, ao se pensar o próprio corpo como roupa, ou o de outrem, significa pensar o corpo como revestimento e invólucro da alma, onde o corpo é identificado como uma continuidade das roupas.

Assim, na contemporaneidade, o objeto de estudo da Estética não consiste mais na arte e no prazer e sim nas operações culturais e na socialização do imaginário, onde os meios de comunicação em massa causam influências fortíssimas, pelo fato de propagar regras e normas sociais de sentir para todos os indivíduos que as absorvem e adotam tais socializações do sentir para si, onde os atuais “juízos de gosto”, atualmente, são processos obtidos não de uma reflexão interior, mas ao contrário, são produzidas de forma exteriormente aos indivíduos.

Dessa forma, é notória a mudança das formas culturais de sensibilidade de indivíduos que viveram em épocas distintas, onde percebemos que as pessoas do século XX, como no caso de nossos avós, eram seres humanos mais voltados para uma forma de sentir mais interiorizada, onde cada um tinha a sua individualidade, a sua subjetividade, fenômeno esse que não percebemos em nosso tempo, decorrente de toda essa socialização da sensibilidade, onde o indivíduo para a ser concebido apenas como uma coisa que sente, um objeto sensitivo e, a partir disso, é concebido a sexualidade neutra, onde surge o

---

<sup>20</sup> PERNIOLA, Mario; *Do Sentir*; [tradução Antônio Guerreiro]; 1ª edição, Lisboa, 1993; p. 35.

conceito de fetichismo que é, justamente, o modo como os indivíduos se veem como roupas, como apenas invólucros da alma.

Percebe-se, desse modo, a estreita relação que há entre a sexualidade e a filosofia e, assim, o sex appeal do inorgânico se apresenta como o resultado entre a relação desses dois campos tão presentes em nossa cultura, onde o sex appeal do inorgânico é resultado desse sentir contemporâneo e de suas normas e regras sociais de beleza que nos conduzem a um estado cultural de total indiferença em relação aos sentidos, decorrente dos meios de comunicação em que massa que nos bombardeiam com informações em uma velocidade superior àquela de nossa capacidade de assimilação.

## Referências Bibliográficas

- PERNIOLA, Mario; O sex appeal do inorgânico; [tradução Nilson Moulin]. – São Paulo: Studio Nobel, 2005. – (Coleção Atopos: novos espaços de comunicação).
- \_\_\_\_\_; Do Sentir; [tradução Antonio Guerreiro]; 1ª edição, Lisboa, 1993.
- \_\_\_\_\_; Ligação direta: Estética e política; Editora da UFSC, 1991.
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Mario\\_Perniola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mario_Perniola).